



UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

KARLA JORDÂNIA BEZERRA ANDRADE

**SENTIDOS DA AFETIVIDADE NA BNCC:** Análise no Ensino  
Fundamental anos iniciais

MARI-PB

2018

KARLA JORDÂNIA BEZERRA ANDRADE

**SENTIDOS DA AFETIVIDADE NA BNCC:** Análise no Ensino  
Fundamental anos iniciais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos.

MARI-PB

2018

A553s Andrade, Karla Jordania Bezerra.

SENTIDOS DA AFETIVIDADE NA BNCC:

Análise no Ensino Fundamental anos iniciais / Karla  
Jordania Bezerra Andrade. - João Pessoa, 2018.  
40 f. : il.

Orientação: Mirinalda Alves Rodrigues dos  
Santos. Monografia (Graduação) -  
UFPB/Educação.

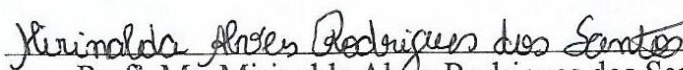
1. Afetividade. BNCC. Relação docente e discente. I.  
Santos, Mirinalda Alves Rodrigues dos. II. Título.

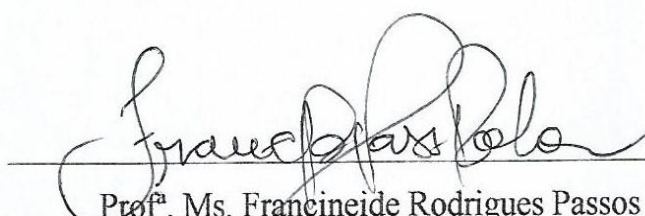
UFPB/BC

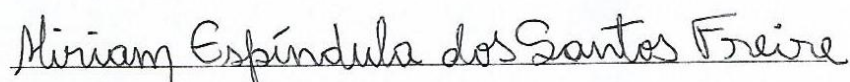
**KARLA JORDÂNIA BEZERRA ANDRADE**

**SENTIDOS DA AFETIVIDADE NA BNCC: Análise no Ensino Fundamental anos  
iniciais**

Banca Examinadora

  
Prof.<sup>a</sup>. Ms. Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos  
(Orientadora)

  
Prof.<sup>a</sup>. Ms. Francineide Rodrigues Passos Rocha  
(Examinadora)

  
Prof.<sup>a</sup>. Ms. Miriam Espíndula dos Santos Freire  
(Examinadora)

*Dedico a todos aqueles que sempre estiveram comigo durante todo percurso desta caminhada: aos meus filhos, ao meu esposo e à família os quais me apoiaram em mais essa realização em minha vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço imensamente a Deus que desde o início sempre esteve caminhando ao meu lado nas horas mais difíceis me amparando quando eu quis fraquejar.

À minha família, especialmente, minha mãe e meu pai que são meu porto seguro, ao meu esposo, que sempre me incentivou durante todos os anos. Sem eles, seria impossível a concretização de mais esse sonho.

Aos colegas de curso por termos partilhado informações e aprendizagens diversas: Mariana, Rosi, Salete, Cleo, Jaqueline, Adriana, Leidiane, Márcia e Thamandra; todos esses, embora de forma indireta, tiveram significativa contribuição para mais essa realização em minha vida.

Aos professores e mediadores que contribuíram imensamente para a construção e edificação dos conhecimentos; em especial à minha orientadora: Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos, Miri, a qual fez uma enorme diferença nessa etapa principal do curso e para minha vida acadêmica.

**A todos vocês, muitíssimo obrigada!**

“A educação é a grande colaboradora na formação de mentes críticas e o veículo de preparação do ser humano à cidadania real e atuante”.

Mônicka Christi

## RESUMO

Esta pesquisa fundamenta-se na discussão sobre a questão da afetividade entre docente e discente e sua importância no processo de ensino e aprendizagem. Assim esse estudo tem como objetivo, analisar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e concepções acerca da importância da afetividade na relação entre professor e aluno. Metodologicamente, fizemos a análise qualitativa que foi utilizada em conjunto com o estudo da coleta de dados bibliográficos, aos quais apresentamos novos estudos acrescidos aos já existentes, refletindo a afetividade partiu-se da teoria de alguns autores como Comenius (2002), Rousseau (1994) e Wallon (1996), como também, analisou-se a contribuição da afetividade na relação e desenvolvimento no ensino e aprendizagem. Fizemos a análise da BNCC, documento importante para o desenvolvimento e a prática da educação atual, o qual pode ajudar ainda mais na evolução da mesma e no desenvolvimento dos alunos. Através de várias análises feitas acerca desse documento sobre as concepções afetividade entre professor e aluno, constatou-se que há uma relativa ausência dessa temática nas discussões. Assim, chegamos à conclusão da relevância do assunto abordado, o qual poderia existir a conjectura de inclusão dentro das fases no documento da BNCC, como forma de apoiar e consolidar o trabalho docente.

**Palavras-Chave:** Afetividade; BNCC; Relação docente e discente.



## **ABSTRACT**

This research is based on the discussion about the issue of affectivity between teacher and student and its importance in the teaching and learning process. Thus, this study aims to analyze the National Curricular Common Base (BNCC) and conceptions about the importance of affectivity in the relationship between teacher and student. Methodologically, we did the qualitative analysis that was used in conjunction with the study of the collection of bibliographical data, to which we present new studies added to those already existing, reflecting the affectivity was based on the theory of some authors such as Comenius (2002), Rousseau (1994 ) and Wallon (1996), as well as the contribution of affectivity in relation and development in teaching and learning. We did the analysis of the BNCC, an important document for the development and practice of current education, which can help even more the evolution of the same and the development of students. Through several analyzes made on this document about the affective conceptions between teacher and student, it was verified that there is a relative absence of this theme in the discussions. Thus, we came to the conclusion of the relevance of the subject addressed, which could include the conjecture of inclusion within the phases in the BNCC document, as a way of supporting and consolidating the teaching work.

**Keywords:** Affectivity; BNCC; Teacher and student relationship.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	09
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS .....	12
2.1 Caracterização da pesquisa .....	13
2.2 Instrumento e Procedimento para Coleta de Dados .....	14
2.3 Procedimentos para análise dos dados .....	15
3 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM .....	18
3.1 Breve conceito histórico sobre a afetividade .....	18
3.2 Alguns aspectos sobre afetividade .....	20
3.3 Afetividade no processo de aprendizagem .....	23
4 O QUE TEMOS SOBRE AFETIVIDADE NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR? .....	25
4.1 O que é BNCC? .....	27
4.2 Concepções de afetividade na BNCC .....	30
4.3 Sentidos de afetividade na relação professor e aluno.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
REFERÊNCIAS .....	37

## INTRODUÇÃO

A relação de afetividade está presente de forma natural entre os seres humanos em todas as áreas, como também na área da educação a qual essa influência pode ajudar e ou prejudicar nos resultados desenvolvidos, o que dependerá do vínculo que é constituído. O assunto abordado norteia a relação entre professor/aluno, no que diz respeito à influência e ou contribuição no processo da aprendizagem.

Trata-se de uma temática a qual se conhece no contexto escolar como grande influência no desenvolvimento cognitivo dos alunos, o que podemos dizer essencial à vida das crianças, especialmente pois tudo que é vivido nesse ambiente promove tais preceitos, construindo ou não um espaço de prazer para a vida escolar, sendo para a criança uma expansão de seu lar. Fiore et al (2014) afirma que é nas escolas que o vínculo afetivo é essencial, pelo fato de as pessoas decorrem a metade do seu dia nas mesmas, por isso é de fundamental importância que os educadores não se resumam apenas a apresentar os conteúdos, mas que desenvolvam uma lição, que incluam aprendizagem para a vida.

Segundo Henry Wallon (1996) a afetividade tem a necessidade de vincular-se aos estudos, fazer parte do dia a dia das crianças dentro da sala de aula. Entretanto, o professor como veículo de informações contribui para o crescimento da vida escolar, com formador de opiniões no que diz respeito ao desenvolvimento social dos pequenos, os quais estão na fase de formação de sua identidade e singularidade, ou seja, as crianças levam conhecimentos consigo, como a cultura de onde vêm, porém começam a se situar a partir de outras discussões geralmente feitas na escola.

Do mesmo modo, sabemos que a afetividade segundo Wallon (1996) deve ser elemento complementar, fazendo parte do modo educativo e auxiliando a criança numa edificação de valores. Da mesma maneira, serve de suporte e contribuição no fortalecimento do futuro adulto, o qual saberá escolher em determinadas situações quando houver necessidades de tomar decisões importantes em sua vida, o que pode ser refletivo por Benedicto (2014) quando diz que o processo de aprendizagem se dá na reciprocidade entre educador e educando, de forma que um é importante para o outro.

Nesse contexto, pensa-se em uma respeitável afinidade entre professor e aluno resultante de sentimentos criados e transformados em boas atividades, podendo passar por várias situações dentro da sala de aula, as quais percebemos essencialmente na construção do processo pedagógico que gera a edificação de uma relação afetiva em volta do diálogo, da boa convivência diária, do respeito. Segundo Freire (2007) não se deve ter medo de mostrar sentimentos, pois é dessa maneira que resulta um bom relacionamento, o qual reflete na estrutura emocional, decorrente do convívio entre os seres.

A escola é, assim, considerada um meio que se difere da família, pois muitas vezes identifica problemas advindos de casa. Todavia, a escola é destacada por ser um ambiente de desenvolvimento diversos, já que é possível se adquirir informações ricas para crescimento cognitivo e psicossocial da criança. Assim sendo, apresenta-se a problemática que norteia essa pesquisa: Quais são os principais desafios e perspectivas nas práticas educativas enfrentadas pelos professores e alunos do ensino fundamental, na fase inicial, quando entre o processo de ensino e aprendizagem prevalece um meio afetivo consistente?

O interesse pelo assunto abordado se deu através do convívio diário no âmbito escolar, no qual foi observado a diferença entre uma turma que tem uma professora que se envolve com os alunos e outra turma em que a professora não demonstra afetividade. Segundo alguns estudos e pesquisas sobre o contexto, muitos defendem e apresentam que a boa relação entre professor e aluno influencia no desenvolvimento psicológico e sócio-cognitivo dos mesmos.

Nessa perspectiva, a escola é um fator determinante e deve proporcionar um ambiente agradável para um melhor relacionamento, como na orientação sobre os direitos e deveres, e estruturação de um discernimento analítico e transformador. Tomamos por base Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997) os quais definem o princípio de igualdade como norteador dos direitos humanos.

Sabemos que o incentivo contribui para crescimento pessoal e profissional de um ser. O vínculo que se forma na sala de aula é, dessa forma, facilitador para o ensino e para a aprendizagem, principalmente quando a criança ainda é pequena. Conforme Mahoney e Almeida (2006), especialistas na educação, no tocante à boa relação no convívio diário entre professor e alunos, cria-se um processo de construção que vai de acordo com o nível de afetividade ao ponto que essa cordialidade pode colaborar decisivamente no processo evolutivo do conhecimento.

Percebe-se a importância da afetividade no processo de desenvolvimento da aprendizagem prevista nos PCNs, que até então era um dos principais documentos norteadores do campo educacional. Não obstante, temos recentemente a implementação de uma Base Nacional Comum Curricular – BNCC, a qual norteará todo o campo educacional estabelecendo conteúdos e objetivos a serem ensinados e aprendidos pelos alunos.

Por isso que me inquietou em fazer essa pesquisa, já que temos um novo documento que no seu próprio nome diz ser “a base da educação”, assim indagando quais concepções que a BNCC traz acerca da afetividade para construção de uma relação entre professor e aluno potencializando o processo de aprendizagem?

Diante disso, esse estudo apresenta como objetivo geral: analisar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) os sentidos de afetividade no que concerne a etapa do Ensino Fundamental dos anos iniciais. E como objetivos específicos: Identificar na BNCC se estão especificadas as relações atribuídas sobre afetividade no processo educacional para que promova o desenvolvimento integral das crianças; fazer um mapeamento na BNCC sobre as dimensões de afetividade entre docente e discente; e analisar se na BNCC faz menção à afetividade entre docente e discente como importante no processo de ensino e aprendizagem.

Diante dos objetivos expostos podemos afirmar que a pesquisa é atual e relevante para os estudos do campo da educação, em específico aos estudos voltados para o currículo e o processo de ensino e aprendizagem.

Essa pesquisa foi desenvolvida em três partes: inicialmente, abordamos os caminhos metodológicos para a realização dessa pesquisa, trazendo autores que contribuem metodologicamente na construção de um estudo bibliográfico e documental. Posteriormente, trazemos conceitos acerca da afetividade e concepções que apresentam a afetividade como um mecanismo de construção do processo de ensino e aprendizagem a partir da relação afetiva do professor e alunos. Em seguida, foi feita a análise do documento referencial para a educação que é a Base Nacional Comum Curricular analisando se o mesmo aborda a questão da afetividade na relação professor e aluno implicando no processo de ensino e aprendizagem.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Sabemos que para chegarmos à conclusão de qualquer assunto do rigor científico, devemos usar a pesquisa para esclarecer dúvidas e elucidar problemas propostos e, empregando a sistematização científica, toda pesquisa se fundamenta por meio de uma hipótese que serve como ponto de partida para a investigação a qual se desenvolve a partir de interrogações que vão se estabelecendo de acordo com as necessidades e questões que precisam ser esclarecidas. Contudo, podemos classificar a forma de pesquisa em vários tipos, nos possibilitando a precisão com as informações coletadas através das investigações, ou seja, encontrar respostas para os objetivos questionados.

Conforme Lakatos e Marconi (2007, p 157), a pesquisa é “um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para se descobrirem verdades parciais”. O caráter da pesquisa se define por meio do procedimento metodológico escolhido e do planejamento de estudo, o qual é proveniente de alguns aspectos como: a abordagem, o propósito e a natureza da mesma, métodos exercidos para obtenção de elementos para chegar a resultados mais precisos.

Baseado na pesquisa científica, a qual influência no desenvolvimento progressivo do conhecimento das pessoas, colaborando na constituição do discernimento específico do pesquisador, que tem por finalidade apresentar e explicar os elementos estudados. Entretanto, para isso o mesmo deve pôr em prática seu conhecimento de mundo e suas experiências adquiridas ao longo do tempo. Nesse sentido, a partir de um processo metódico e investigativo, a pesquisa corrobora para a construção de conhecimentos em um processo analítico, como sendo explicações para questões que surgem no contexto das relações sociais.

Sendo assim, entende-se que o resultado da pesquisa se distingue através do perfil de cada pesquisador. Isto é, todo investigador tem suas particularidades, como: sua forma de explorar e de analisar, o que podem ser classificadas em algumas formas como: teórica, empírica, metodológica e prática. Demo (2000, p 20) assegura nesse contexto que “pesquisa é entendida tanto como procedimento de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de

conhecimento”. Portanto, pesquisa é um meio de contribuição importante, de resultados significativos e decisivos trazendo consequências favoráveis, embora também esteja sujeita a resultados não muito agradáveis.

É com esse olhar que o presente estudo foi realizado. Tendo um caráter investigativo para o processo de buscar produzir novos conhecimentos acerca da temática aqui proposta, seguindo as normas e procedimentos propostos, para poder realizar uma pesquisa científica. Nesse sentido, os caminhos metodológicos realizados nesse trabalho direcionam dialogicamente com a questão central do objeto de estudo, de forma que, assim, podemos perceber essa dialética ao longo desse trabalho.

## 2.1 Caracterização da Pesquisa

Para o referido estudo, está sendo realizada uma pesquisa qualitativa, com o objetivo de considerar a influência que imputamos à afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Elaboramos um estudo bibliográfico e documental o qual se fazem questionamentos, envolvem a criticidade e sugestões, com a finalidade de entender os conceitos que respaldam a temática dessa pesquisa. Quando nos direcionamos para a questão da afetividade no ensino e na aprendizagem, no sentido de atribuir o vínculo afetivo no processo, pensamos no desenvolvimento da criança, assim refletindo a escola, a qual se torna responsável por tais resultados.

A concepção de Bernardino (2007, p 44) a qual afirma que “a pesquisa qualitativa exige do pesquisador a reflexão pessoal, autônoma, criativa e rigorosa, de forma que o investigador se envolve com o objeto a ser investigado, de forma a fazer parte da sua vida”. Segundo a concepção de Minayo sobre a análise (2001), esse tipo de pesquisa objetiva questões de características próprias, pois as pessoas se diferenciam pelo o seu modo de agir, pensar, por seus valores e crenças a partir da realidade vivenciada e compartilhada.

Entende-se a pesquisa está relacionada diretamente com o mundo dos significados de formas que precisam ser interpretadas pelo pesquisador, sendo o mesmo influenciado pelos textos lidos, valores e crenças que possui e/ou pelas experiências vivenciadas que foram adquiridas antes e/ou durante o processo de

construção do estudo. Assim, como bem reafirma Haguette (1992, p 63) “uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais, apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social, face à configuração das estruturas sociais”.

Dessa forma, podemos afirmar através da exploração e do contato com a pesquisa que os investigadores terão um olhar distinto com relação a essa prática, pois irão entender o quanto é importante que cada detalhe acerca da coleta de informações sobre o assunto que está se estudando de forma sistemática em relação à coleta de dados.

## 2.2 Instrumento e Procedimento para Coleta de Dados

O instrumento de coleta de dados ocorrerá por meio de pesquisa documental, que é de fundamental importância para a produção de novos conhecimentos, como também, para a validação dos conhecimentos já existentes sobre o referido tema de projeto em estudo. A nossa pesquisa será por meio de consultas em livros, artigos e o documento principal da BNCC.

Todavia, o nosso ponto fundamental é sobre o afeto entre professor e aluno dentro da BNCC, considerando um pertinente subsídio para área da educação, já que há interferência na relação da aprendizagem dos educandos. Bernardino (2007, p 45) ressalta que “a pesquisa teórica se deve aos conhecimentos construídos cientificamente sobre o tema em questão, por outros estudiosos antes de nós e que nos servem de fonte atualmente”.

A pesquisa documental se dará a partir da análise de documentos oficiais diante das leituras de textos, embasamento teórico significativamente essencial para a construção e desenvolvimento deste estudo.

Nosso locus investigativo do campo da análise documental é a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, um documento importante para a educação brasileira elaborada pelo MEC o qual será implantado no ano em curso, que vai abranger desde a educação infantil até o ensino médio nas escolas de rede pública e privada do país. O seu intuito é uma educação básica fundamental de qualidade e igualitária, independente de instituição escolar ou localidade. A BNCC está alicerçada através



Plano Nacional da Educação (PNE) e presume alcançar as metas traçadas, aplicadas entre 2014 e 2024, aprovadas no ano 2014, pela então presidente em exercício Dilma Rousseff.

Sabido do significado desse documento para a educação brasileira, a afetividade na relação escolar discente/docente será capaz de contribuir para incentivar o interesse ao conhecimento. Assim, buscamos estes termos afetividade/afetivo/afetiva dentro da BNCC que é considerada uma política pública, sendo um norteador para educação básica. Desse modo, o fortalecimento das propostas políticas implantadas nas instituições escolares necessitando adequar-se a essa função.

### 2.3 Procedimentos para análise dos dados

A análise dos dados dessa pesquisa ocorreu a partir das questões apresentadas através da observação e das pesquisas bibliográficas realizadas a fim de identificar e apresentar considerações pertinentes sobre a referida temática. Essa análise foi feita através do documento da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, em que foi feita a análise do referido documento no intuito de perceber concepções da importância da afetividade na relação professor e aluno.

Deste modo, a análise da temática foi explanada da seguinte maneira: de início, o ponto a ser questionado é sobre a pesquisa, sua importância e como ela pode contribuir no meio científico; em seguida, em qual argumento foi baseado o caráter da pesquisa, ou seja, desenvolvida em modo qualitativo, envolvendo estudos bibliográficos e documentais, requerendo do pesquisador maior reflexão sobre as análises. Por fim, refletimos sobre a BNCC, de como será importante a sua introdução nos currículos e nos parâmetros curriculares das escolas, no intuito de que haja diminuição nas desigualdades da aprendizagem entre escolas públicas e privadas.

Assim, essa pesquisa foi desenvolvida a partir da questão principal, que são as palavras afetividade/afetivo/afetiva na BNCC, para podermos identificar pontos em relação a essa nomenclatura dentro da Base Nacional Comum Curricular. Logo conferimos o número de vezes com que aparecem as referidas terminologias na

BNCC. Compreendeu-se o significado que a palavra apresenta no referido documento e, ao final, identificamos na Base Nacional Comum Curricular a importância da afetividade do professor para o estímulo no processo de desenvolvimento sobre o psicossocial do aluno.

Primeiramente fizemos uma busca no documento Base Nacional Comum Curricular- do ensino infantil ao Ensino Médio, a fim de constatar como a palavra afetividade é dialogada no documento. Quando fizemos a busca, detectamos que pela palavra “afetividade” não aparecia no texto; decidimos, pois, usar a palavra afetivo/afetiva. Constatamos que a BNCC faz referência a esses termos da seguinte forma:

**Tabela I:** Sentidos de afetividade na BNCC

<b>Palavra</b>	<b>Quantidade de vezes que aparece</b>	<b>Referência da palavra</b>
Afetividade	0	-
Afetivo	5	1. No contexto da educação infantil – sentido de educar e cuidar. 2. Transição do Infantil para o Fundamental – faz menção ao acolhimento, pela mudança sofrida. 3. Fundamental básico inicial – mudança relacionada à emoção pelos desafios encontrados. 4. Fundamental básico final- sensibilidade pela transformação que sofreu ao longo dos anos. 5. Língua estrangeira (6ºano)– interação com as

		pessoas, formando vínculo de amizade.
Afetiva	7	<p>1. Educação integral – não deve se resumir a sentimentos.</p> <p>2. Currículos – formação de várias características, inclusive, a sentimental.</p> <p>3. Língua Portuguesa (6º ao 9º ano) – observação, sentido de carinho.</p> <p>4. Ciências – relação característica emocional apresentada pelos discentes.</p> <p>5. Ciências (8ºano) – distinção corpo humano.</p> <p>6. Ciências humanas – análise referente à emoção.</p> <p>7. Relaciona à palavra efetiva como parte integrante ao longo de toda a Educação Básica.</p>

**Fonte:** Quadro organizado pela autora com base nos dados fornecidos pela BNCC<sup>1</sup>

A tabela exposta foi elaborada para termos uma breve contextualização de como está inserido o sentido das palavras que destacamos no documento da BNCC. Assim, dialogaremos com ela ao longo dos capítulos, principalmente no capítulo destinado à análise dos dados coletados.

<sup>1</sup> Documento disponível em < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base/>>

### 3 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

#### 3.1 Breve conceito histórico sobre a afetividade

O contexto histórico sobre a afetividade é um fenômeno que vem sendo discutido desde séculos XVII e XVIII. Perante essas informações, temos algumas óticas e reflexões de estudiosos sobre tal questão. Nesse sentido, podemos destacar Comenius que afirmou que uma instituição escolar sempre deve passar por reformas didáticas e técnicas; da mesma forma, os indivíduos devem acompanhar as mudanças.

Desse modo, “as sementes da moral e da piedade são por natureza inerente a todos os homens, com exceção dos monstros humanos; segue-se necessariamente que precisam apenas de um pequeníssimo estímulo e de sabia orientação” (COMENIUS, 2002, p 113). Pela visão de Comenius, Lopes (2003) complementou que nesse período o modo de como as escolas funcionavam as quais deveriam ser mais dinâmicas e menos rígidas: “assim sendo, depende de nós reavivarmos a mente humana de tal modo que os homens se beneficiem com uma educação correta. Isso está ao nosso alcance, na visão de Comenius” (LOPES, 2003, p 98).

Ainda conforme Comenius, o ofício do professor deve ser desenvolvido com amor e dedicação. Na mesma perspectiva, Rousseau (1994), aborda com praticamente o mesmo pensamento de Comenius, acerca do comportamento de um educador que necessita ter perante aos seus educandos.

O aluno deve sobretudo ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrárias ao seu gosto, se não tiver, por outro, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que quase nada custam em despesas ou perda de tempo, e que não deixam, se oportunamente proporcionados, de causar profunda impressão numa criança, e de ligá-la bastante ao seu mestre (1994, p 23-24).

Sobre as ideias de Rousseau (1994), para que tudo dê certo no ensino e aprendizagem, deve haver uma troca mútua de respeito e afeto entre o preceptor e seus alunos; o trabalho deve ser estimulável para que os alunos queiram sempre voltar à escola, e que a mesma seja considerada um lugar de prazer ao adquirir conhecimento.

Cerizara citando Rousseau (1994), um preceptor tem a responsabilidade em seu dia a dia de trabalho de identificar e observar seus aprendizes. Isso é mais uma atribuição essencial que necessita fazer parte da sua didática. Assim, em sua sensibilidade descobrindo as particularidades de cada um deles. Cerizara (1990) destaca:

Como a proposta da educação rousseuniana pauta-se por uma relação contratual entre a criança e o governante, ela pressupõe igualdade de direitos e deveres, embora distintos entre cada um. Pressupõe, principalmente, a garantia de respeito mútuo, do direito ao erro e do dever de reparação. Nada é predeterminado, tudo é construído numa tentativa pedagógica de harmonizar a especificidade da criança com as influências do meio, com as generalidades do desenvolvimento humano (CERIZARA, 1990, p 108).

Cerizara (1990) ainda assegura que é por meio da educação que se molda um ser; que é a partir da infância que se prepara para enfrentar o mundo. Para a autora, uma criança ainda não tem a possibilidade de opinar a tal nível, é por isso que a escola se torna muito importante para esse desafio.

Pensa-se, ainda, nessas circunstâncias, nas dificuldades encontradas no tocante à relação entre as escolas e as secretarias de educação, visto que muitas vezes os educadores usam o próprio salário para providenciar os materiais necessários para consolidar as aulas planejadas. Além disso, vale salientar que, embora haja professores que não dão a relevância necessária à prática docente, existem muitos que tentam levar para a sala de aula metodologias diversificadas a fim de ajudar no desenvolvimento de seus alunos, exercendo verdadeiramente seu papel de formador/ educador.

Como já foi dito, há uma grande importância da afetividade na relação professor/aluno. Apesar disso, esse é um desafio diário, principalmente quando se encontram situações de alunos indisciplinados. Nesses casos, são necessárias

medidas para contornar esse conflito: promovendo, por exemplo, diálogos e uma interação constante entre professores e alunos.

Freire (2007) assegura, nessa perspectiva, que é bastante significativo que o professor constantemente reflita acerca de sua prática e de sua relação com os alunos.

“...É porque lido com gente, que não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer, entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna” (2007, p 144).

Percebe-se, assim, o quão imprescindível são as reflexões, as análises e as discussões sobre a relação que é estabelecida em sala de aula a fim de que se tenham possibilidades concretas de efetivo crescimento.

### 3.2 Alguns aspectos sobre afetividade

A vida humana é repleta de sentimentos. Alguns os sentem de formas distintas, servindo de base para a formação de vínculo afetivo na construção de um papel fundamental na sociedade. Argyle (1974) se posiciona a respeito assegurando que:

A interação social decorre dentro de um dispositivo cultural. Por cultura de um grupo de pessoas significam-se seu modo global de vida, sua língua, seus modos de perceber, classificar e pensar a respeito do mundo, formas de comunicação não-verbal e interação social, normas e convenções sobre comportamento, valores morais e ideais. Todos esses aspectos da cultura afetam o comportamento social, direta ou indiretamente (ARGYLE, 1974, p 148).

Podemos dizer, dessa maneira, que afetividade é um sentimento o qual um indivíduo desenvolve gradativamente por meio da socialização com os demais. Dér (2004) reflete a respeito defendendo que a afetividade é o conjunto funcional que responde pelos estados de bem-estar e mal-estar quando o homem é atingido e afeta o mundo que o rodeia. Segundo o autor, ela se origina nas sensibilidades

orgânicas e primitivas, juntamente com os automatismos recursos que a criança tem para se comunicar e sobreviver.

Citamos a afetividade nas concepções de psicólogos considerados importantes que trouxeram consideráveis contribuições para o campo educacional. Piaget (1992) se posiciona a respeito dizendo que o indivíduo age segundo sua inteligência, para, assim, compreender o que está passando e, posteriormente, reagir ao modo que lhe impõe a situação, seja qual for a sua idade. Para ele, “O homem normal não é social, da mesma maneira aos seis meses ou aos vinte anos de idade, e, por conseguinte, sua individualidade não pode ser da mesma qualidade nesses dois diferentes níveis” (1992, p 12).

Yves de La Taille (apud Neto, 2012, p 9), reflete sobre os pensamentos de Piaget, afirmando que quando não há comunicação no meio social, o indivíduo passa a não ser notado. Na verdade, para ele, a socialização é natural das pessoas; é uma troca mútua de informações. O autor também faz referência às reflexões, no que diz respeito à evolução da idade, das ideias, dos pensamentos, das formas de diálogos mudando de acordo com o amadurecimento.

No processo de desenvolvimento da vida humana que vai desde criança até a fase adulta, o ser humano passa por etapas em progressão influenciadas pela afetividade nas conquistas de princípios éticos.

Vygotsky (1997) atribui condições biológicas e sociais para a total formação de um ser, de forma que as informações adquiridas acontecem de maneira natural. O autor alega que há influência do ambiente em que as pessoas convivem, pois, o mundo social molda as pessoas a isso, incentivando-as a constituírem o seu próprio entendimento. Apesar disso, o desenvolvimento e a aprendizagem não se dão apenas por meio de interação social.

Martha Kohl (apud Neto 2012, p 16), menciona que a mente humana não possui estruturas de vivências definidas desde seu nascimento. Segundo ela, é por meio da experiência na sociedade e nas relações com outros seres humanos que a pessoa construirá novos conhecimentos e novas relações entre os objetos de estudo.

Na estrutura da linguagem e pensamento, a autora supracitada declara que no início da vida de um indivíduo, a evolução do raciocínio e da fala é interligada entre si. Logo, é pela aquisição da língua e pela interação que as suas funções intelectuais são modificadas, o que vem determinar suas ideias, ou seja, o

crescimento do intelecto de um indivíduo se desenvolve através da interação. Entende-se, portanto, que esses são processos interdependentes desde o início da vida. Para a autora, a linguagem tem um papel no processo do raciocínio, o qual permite diversos fatores como: a memória, a formação de conceitos e a atenção.

Wallon (1996) também se posiciona acerca dessa discussão. Ele construiu uma teoria conhecida por psicogenética, a qual percorre deste modo de esclarecer através da sua concepção a afetividade, até o processo do desenvolvimento do intelecto de um indivíduo, de forma que, segundo ele, há influência da afetividade sobre informações adquiridas. Para Dantas (apud Neto, 2012, p 21), “a construção do sujeito e do objeto com a qual ele construirá seu conhecimento depende da alternância entre afetividade”.

Na concepção de Wallon (1996), o desenvolvimento do homem se dá através de etapas. Segundo ele, o início do desenvolvimento humano é a partir do primeiro ano de vida e, nesse contexto, a afetividade é um sentimento que influencia no processo evolutivo do pensamento. Posteriormente, de acordo com o autor, vem o processo de linguagem, quando uma criança passa a se comunicar com os adultos, como assegura Neto (2012):

A afetividade vem antes da formação de diversas sensações da criança, não somente com o pensamento mais sincrético que possui no início de sua vida, mas também com diversos outros tipos de pensamentos que a criança possui demonstram a afetividade totalmente presente. Após algum tempo, o ser humano desenvolve a linguagem; a criança passa a se comunicar com outros adultos estabelecendo uma nova forma de se relacionar com o meio em que vive. O ato da fala ainda é pouco desenvolvido. Aos dois anos de idade, a criança ainda utiliza gestos para construir as frases, mas com o passar do tempo a linguagem da criança se desenvolve e ela começa a elaborar o seu pensamento de modo mais complexo (NETO, 2012, p 22).

Wallon (1996) ainda acrescenta que a genética está relacionada com o meio em que a criança vive, ou seja, o convívio social, com a cultura, com a família e com o meio socioeconômico. Para ele, tudo será resultante da capacidade que poderá desenvolver durante seu crescimento ao longo da vida, tendo em vista que esses fatores podem contribuir para o processo de desenvolvimento das crianças, entretanto, não se sabem das conseqüências positivas ou negativas.



### 3.3 A afetividade no processo da aprendizagem

A educação está em constante evolução. Os profissionais da área tentam de forma árdua, porém lenta, acompanhar essa evolução. O que não se percebe é que a busca de qualificação profissional, vai somando a eles tarefas cada vez mais difíceis, uma vez que seu papel está complexo.

Uma criança se sente segura no seio familiar, na proteção dos pais, no convívio com todas as pessoas que sempre estiveram presentes no seu crescimento, rodeando-a de vários sentimentos, de emoções que foram sendo distinguidas com o passar dos tempos.

A escola, nesse contexto, é um espaço em que a criança deve se sentir da mesma forma de quando está em sua casa, de maneira a criar-se um bom convívio com as pessoas com que têm contato diariamente, para, assim, ter o prazer de aprender e querer voltar todos os dias. Cunha (2010) faz uma analogia entre a escola e uma árvore afirmando que a escola é uma árvore. De acordo com ele, a árvore é alimentada e alimenta; abriga e ensina aos passantes à sua sombra; sustenta os que se aconchegam e fazem seus ninhos e, como pássaros, prepara ali uma nova geração para voar.

Entende-se, assim, que a afetividade entre professor aluno tem influência relevante para a aprendizagem no cotidiano escolar. E esse espaço delimitado na própria sala de aula, tendo como atores os profissionais da educação, que assumem o protagonismo no processo do ensino-aprendizagem, sobretudo o professor, adquirir responsabilidade de desenvolver valores que promovendo a dignidade para um ser.

A instituição escola é, portanto, um lugar em que se desenvolvem e alimentam os valores educacionais e sociais, de tal modo em que a criança senti-se querida. Sendo assim, se incentivando uma maior participação nas aulas, na aprendizagem, envolvendo o aluno nas atividades com resultados positivos.

Na escola, as crianças bem-amadas geralmente são participantes, interessadas, procuram compreender o que está acontecendo, são entusiasmadas com as atividades que acham interessantes e úteis. Em termos de convivência social, geralmente são respeitadoras dos outros, mas têm seus pontos de vista, que defendem e procura difundi-lo (PILETTE, 2004, p 279).

Freire (2011, p 68), afirma que “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que ensinando, aprende, outro que aprendendo ensina”. No raciocínio de Freire percebe que há a necessidade de um bom relacionamento entre docente e discente, para que o ensino e a aprendizagem ofereçam bons resultados, a fim de que, mediante essa interação haja uma troca de informações, resultantes de uma conexão, uma perfeita sincronia entre os sujeitos.

Pilette (2004) a esse respeito afirma que:

A motivação é fator fundamental da aprendizagem. Sem motivação não há aprendizagem. Pode ocorrer aprendizagem sem professor, sem livro, sem escola e sem uma porção de outros recursos. Mas mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver motivação não haverá aprendizagem (PILETTE, 2004, p 63).

Diante de todas essas discussões acerca da afetividade, se percebe que é a partir dos ensinamentos das instituições escolares, que agentes transformadores de pessoas entram em ação. No entanto, é preciso que as escolas ampliem suas reflexões, fundamentadas em documentos, resoluções etc. a fim de que levem em consideração cada particularidade que os alunos possam apresentar. É nesse contexto que pode ser enxergada a BNCC, como um guia às práticas educacionais, não apenas para a formação do currículo, mas para os reais desenvolvimentos construídos junto aos alunos.

#### **4 O QUE TEMOS SOBRE AFETIVIDADE NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR?**

Sabemos da importância desse novo projeto do MEC para a educação brasileira, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já que esse documento vai delinear os objetivos e desenvolvimentos para o dia a dia nas instituições no que diz respeito ao ensino básico regular, oferecendo um princípio único de trabalho para todas as regiões do país, de forma que todos os alunos tenham acesso a aulas que objetivem as mesmas competências.

Por essa ótica, é inegável pensar que uma vez sendo aplicada, se farão mudanças desde o mecanismo dos professores até sua formação continuada, com a adaptação do projeto político pedagógico, de todo material didático das escolas, refletindo numa perspectiva social e constituindo uma nova política educacional para o Brasil.

Santos (2015) diz:

Quando nos remetemos às políticas educacionais do Brasil, devemos situar no contexto social global, capitalista, neoliberal e com um avanço tecnológico que, ao longo do tempo, ganha cada vez mais força. Assim, a educação passa a refletir na sua proposta curricular o sistema social que ali se encontra. Como é o caso do sistema capitalista que, com o avanço do processo de industrialização, requer uma educação que forme pessoas capacitadas para atender a demanda do mercado de trabalho e não se preocupa com a formação enquanto pessoa cidadã. Sendo assim, impõe aos/as educandos/as uma educação segregadora em que o ter vale mais do que o ser. Dessa forma, o âmbito educacional acaba incorporando conscientemente ou até inconscientemente esse modelo, no qual a escola a cada momento se encaixa em um perfil de mercado (SANTOS, 2015, p 294).

Dessa maneira, diante de todo conceito histórico envolvendo o termo currículo, a respeito da educação brasileira, que se fundamenta atualmente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de nº 9.394/96, que encarrega o governo federal no desígnio de auxiliar os estados e este, os municípios para instituir os currículos e suas teorias, com objetivo que chegue às escolas no mínimo uma formação básica a todos. No entanto, também se deve fazer referência ao conjunto de conteúdos que integram o corpo de uma disciplina.

As bases curriculares sempre existiram. Todavia, as necessidades de mudanças surgem conforme a evolução do tempo e as ineficiências das didáticas aplicadas nas escolas. Para isso, são feitos vários estudos até que se cheguem a resultados satisfatórios, e tenham a plena consciência de que o referido projeto irá contribuir significativamente na construção novos currículos, assim norteando os professores, os auxiliando na efetivação do novo.

A partir de 1998, foi elaborado como forma de base, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) no intuito de norteamento curricular. Segundo os mesmos, a educação básica deve estar ao alcance de todos independente de situação social e econômica, ou seja, prevalecer igualdade no que diz respeito ao acesso a educação.

A BNCC foi elaborada com expectativa de mudar expressivamente a “cara” da educação nos tempos de hoje. Sua proposta é unificar a educação de toda região do país. Analisada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), o Ministério da Educação institui que sejam cumpridas as metas estabelecidas por esse plano, e quando sua implantação estiver concluída, deve ser inserida como novo método dentro de todas as escolas brasileiras, assim transformando a qualidade do ensino público, à medida que os iguala na aprendizagem das escolas privadas.

Na medida em que o princípio da equidade reconhece a diferença e a necessidade de haver condições diferenciadas para o acesso educacional, tendo em vista a garantia de uma formação de qualidade para todos, que se apresenta é a necessidade de um referencial comum para a formação escolar do Brasil (BRASIL, 1997, p 28).

No Plano Nacional da Educação (PNE) na lei que o rege 13.005/2014, também nos deparamos com definições de metas para ser implantadas na educação com prazo de 2014 a 2024. Está relacionado à BNCC nas metas: 2, 3, 7 e 15, e sua principal finalidade é como descreve o trecho:

Aproximar, ainda mais, agentes públicos e sociedade em geral dos debates e desafios relativos à melhoria da educação, tendo como eixo os processos de organização e gestão da educação, seu financiamento, avaliação e políticas de estado (Brasil, 2014, p 5).

Apesar disso, os Parâmetros não se constituem como conduta primordial a ser regida nos processos dentro das instituições. Eles se distinguem do que sugere

a BNCC, sendo elaborada a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais no aspecto de sua estrutura organizacional descrito nos artigos 14 e 15 de como deve ser sistematizado:

Art. 14. A base nacional comum na Educação Básica constitui-se de conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológicos; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas de exercício da cidadania; e nos movimentos sociais.

Art. 15. A parte diversificada enriquece e complementa a base nacional comum, prevendo o estudo das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da comunidade escolar, perpassando todos os tempos e espaços curriculares constituintes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, independentemente do ciclo da vida no qual os sujeitos tenham acesso à escola (BRASIL, 2010, p 67-68).

Portanto, diante dos expostos acerca dos currículos e no seu processo histórico, entendemos o significado que a base nacional representa para a educação brasileira. Logo abaixo estará evidenciado todo o processo de criação, estrutura e objetivos em torno da Base Nacional Comum Curricular.

#### 4.1 O que é a BNCC?

A Base Nacional Comum Curricular, comumente chamada de BNCC é um documento que vai nortear os conhecimentos e aprendizagem que os alunos devem adquirir no seu dia a dia na sala de aulas de todo o país. Apresentando diretrizes divididas em fases, se estende desde a educação infantil até o ensino médio e seu objetivo é abranger seja escola pública e/ou privada independente de local e região em que residam, deixando ainda a critério dos municípios a adequação a suas próprias realidades social, cultural e políticas.

O documento foi promulgado pelo MEC no dia 16 de setembro de 2015 e ficou em discussão até 15 de março de 2016. Sua construção foi aberta a opiniões de pessoas representantes da comunidade escolar, a fim de que pudessem contribuir como alunos, professores, pais, de forma que todos nutrissem de algumas informações que fossem válidas para o documento. Vale salientar que o professor

deverá adaptar à sua formação continuada e às didáticas, disciplinas e seus conteúdos que também serão adequados de acordo com a base, cuja metodologia funcionará como as instituições julgarem melhor para seu público, pois está determinado o que ensinar, mas não como fazê-lo.

A ideia de uma Base Nacional Comum Curricular não é nova no país, nem tampouco seu vínculo a tentativa de definição de um currículo de caráter nacional. Poderíamos remontar isso a outras épocas da história educacional identificando diferentes proposições e distintos contextos nos quais esse debate se realizou. Desde sua criação, na década de 1960, nossa entidade tem participado ativamente dos debates em torno da História que se pretende que seja ensinada nas escolas da educação básica. Temos atuado sempre em defesa de sua permanência no currículo escolar vinculada aos objetivos de uma formação intelectual e política das novas gerações que possibilite a reflexão crítica sobre o conhecimento histórico, e a defesa dos princípios básicos de uma sociedade democrática e mais justa (CAPELATO, 2015, p 134).

Como já foi mencionada anteriormente, a BNCC foi baseada pelo PNE nas metas 2, 3, 7 e 15. Porém na meta 7, precisamente, na 7.1 é que se institui sua criação:

Meta 7: fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem, de modo a atingir as seguintes médias nacionais para o Ideb: 6,0 nos anos iniciais do ensino fundamental; 5,5 nos anos finais do ensino fundamental; 5,2 no ensino: médio.

Estratégia 7.1: estabelecer e implantar, mediante pactuação Inter federativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos (as) alunos (as) para cada ano do ensino fundamental e médio, respeitada a diversidade regional, estadual e local (BRASIL, 2014, p 61).

É imprescindível destacar que o documento exposto pelo MEC é de aspecto contribuinte e democrático e é estabelecido em três versões: na 1ª versão, seu princípio se deu partir da formação de uma comissão composta por educadores que atuam na educação básica: docentes, universitários, pesquisadores nos diversos campos do conhecimento na educação básica, entre outros, os quais foram incumbidos de executar textos elementares para a base.

Essa 1ª versão foi disponibilizada no site para discussão. Era uma proposta a ser discutida e o acesso era subordinado a um cadastro. Esse período de discussão durou seis meses, de setembro de 2015 até março de 2016. Um total de 12 milhões

de pessoas tiveram acesso ao documento, entre estudantes, educadores, pais e sociedade como um todo, questionando e debatendo, dando possibilidades para a 2ª versão, disponível a começar dia 5 de maio 2016.

A 2ª etapa foi aberta a seminários, por vários estados brasileiros, organizados pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e pela União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (Undime). Na oportunidade, só os professores contribuíram, um total de 9 milhões. Voltado para o desenvolvimento e para a aprendizagem, o documento enfatizava o direito de saberes, a qualidade do ensino a nível nacional. Na visão de Silva (2015) o documento é um plano para cumprir propostas e ajudar elevar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) que é relacionado com aprendizagem, resultado dos exames que é feito em todas as escolas do Brasil.

Os seminários estaduais contaram com uma metodologia comum, que permitiu a organização e sistematização dos dados na análise. No primeiro turno, foram apresentados a metodologia, pontos específicos sobre a estrutura da Base e análises críticas de especialistas. O segundo turno foi destinado a uma análise focada nos objetivos de aprendizagem, com os participantes divididos em grupos por etapas e componentes curriculares. O terceiro turno propunha uma análise sobre as etapas, com foco na coerência do documento. Em paralelo ao segundo e ao terceiro turno, foram discutidos os textos introdutórios em grupos específicos. Por fim, o quarto turno abriu espaço para a socialização das contribuições geradas nos turnos anteriores e fechamento em plenária (BRASIL, 2016, p 209).

A 3ª versão foi entregue ao Conselho Nacional de Educação (CNE), no dia 06 de abril de 2017. Tratou-se basicamente do resultado das modificações decorrentes dos seminários estaduais e das sugestões oriundas das discussões anteriores. É importante destacar, nesse contexto, que o debate sobre a construção de uma base curricular vem desde anos 80 por meio da constituição e foi solidificando-se por intermédio da LDB em 1996.

Na concepção Souza (2015) a base se trata de uma política de currículo que objetiva a definição de conteúdos básicos no contexto de um projeto currículo nacional. Isto é, segundo o autor, a base irá determinar conteúdos para todas as escolas a nível nacional, proporcionando a todos os estudantes o direito aprendizagem para seu desenvolvimento. Ainda sobre o pensamento de Souza (2015) sobre os colaboradores para a elaboração e construção da base:

A performance do estudante brasileiro será resultado de um currículo nacional selecionando para fins do mercado numa concepção de educação produtivista com base na lógica empresarial, na qual os alunos são tratados como produtos que precisam ser lapidados para serem mão de obra em contextos do capitalismo periférico (SOUZA, 2015, p 324).

Entretanto existiram muitas controvérsias na opinião de alguns autores, envolvendo a BNCC. Costa (2015), por exemplo, declara que a base é um projeto de domínio de uma identidade, a ser moldada por um conhecimento legitimado socialmente e externo ao sujeito que só poderá se constituir como emancipado na medida em que dele se apropriar.

Mortatti (2015, p 201), por sua vez, assegura que a base “[...] prestará um desserviço aos educadores e à nação [...] e que não é a Base Nacional Comum Curricular que contempla anseios e necessidade de construção do futuro desejado para a educação e a nação brasileiras”.

Como podemos perceber diante das discussões acerca da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), há muitas controvérsias acerca desse documento. Nesse sentido, remetemos neste estudo ao fazer a análise nesse documento acerca do nosso objeto de estudo.

#### 4.2 Concepções de afetividade na BNCC

Como mencionamos anteriormente, a análise na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), foi pensada, nesse estudo, para a concepção acerca da afetividade que é posto nesse documento norteador do campo educacional. Portanto, ao realizarmos a pesquisa no referido documento, foram encontradas algumas palavras, cujo sentido era direcionado para o termo: afetivo (cinco vezes) e afetiva(s) (sete vezes) e nenhuma como afetividade que é o principal objetivo da nossa análise.

Nosso determinante referencial é a nomenclatura afetividade, a qual não fora encontrada referência alguma no documento da BNCC; nada que pudéssemos



analisar a relação entre professor e aluno no ambiente escolar que venha a oferecer melhorias no processo de ensino e aprendizagem.

No documento foram identificadas as terminologias: afetivo e afetiva, nos sentidos distintos ao da nossa temática: afetivo na educação infantil “[...] afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada” (BRASIL, 2017, p 34), e na transição do Infantil para o Fundamental “[...] afetivo, de modo que a nova etapa se construa com base no que os educandos sabem e são capazes de fazer, evitando a fragmentação e a descontinuidade do trabalho pedagógico” (BRASIL, 2017, p 51).

Como podemos identificar na etapa de educação infantil não há abordagens da importância da afetividade entre professor-aluno para potencializar o processo de ensino e aprendizagem. Já no Ensino Fundamental básico inicial temos: “[...] afetivos, sociais, emocionais, entre outros [...] essas mudanças impõem desafios à elaboração de currículos [...] modo a superar as rupturas que ocorrem na passagem não somente entre as etapas da Educação Básica, mas também entre as duas fases do Ensino Fundamental: Anos Iniciais e Anos Finais” (BRASIL, 2017, p 55). Nota-se que há referência para a importância da questão afetiva para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Ainda se encontraram referências voltadas para a Língua estrangeira (6ºano), (BRASIL, 2017, p 246) “Construção de laços afetivos e convívio social”. Na terminologia afetiva encontramos mais vezes que afetivo, todavia no sentido distinto ao foco principal da nossa pesquisa: na Educação integral “o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva” (BRASIL, 2017, p 14).

Além disso, vale salientar no documento analisado, a menção referente aos Currículos: “Dessa maneira, reconhecem que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica”. (BRASIL, 2017, p 16). Outro aspecto envolve a parte da Língua Portuguesa (6º ao 9º ano), no aspecto da leitura em que temos na BNCC (2017, p 157) “[...] dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis”.

No campo das Ciências a BNCC, faz a seguinte referência: “Nos anos iniciais, as características dos seres vivos são trabalhadas a partir das ideias, representações, disposições emocionais e afetivas que os alunos trazem para a escola” (BRASIL, 2017, p 324). Nas Ciências (8ºano) vida e evolução: “Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética)” (BRASIL, 2017, p 347). E por fim, Ciências Humanas 8ºano: “Ao longo de toda a Educação Básica, o ensino das Ciências Humanas deve promover explorações sociocognitivas, afetivas e lúdicas capazes de potencializar sentidos e experiências com saberes sobre a pessoa, o mundo social e a natureza” (BRASIL, 2017, p 352).

Identificamos a partir da análise feita na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), enquanto documento norteador em todas as dimensões do campo da educação, que não se apresenta e nem se faz relação da questão da afetividade e sua contribuição para favorecer o desenvolvimento das potencialidades cognitivas dos alunos a partir da relação professor-aluno.

Diante disso, verificamos que há uma lacuna em relação a esse aspecto nesse documento, especialmente quando partimos da compreensão de que a relação da afetividade entre o professor e aluno é de suma importância para a construção do processo educativo mais significativo, no que diz respeito à dialética que envolve o ensino e a aprendizagem, essa afirmativa é reforçada nas concepções de estudiosos da área da educação.

Mortatti (2015) expõe ser desnecessária a construção dessa base, pois a mesma não resolverá as questões levantadas em suas fazes, na intenção de substituir o velho pelo novo respectivamente. Ela também expõe a falta de coerência, em meios a contradições, evidenciados na sua estruturação, que vai desde como foi elaborado até na divisão de tópicos e os critérios utilizados, basearam-se modelo de outro país, o qual passou 20 anos para sua construção incluindo pesquisas e direcionamento ao público geral.

#### 4.3 Sentidos de afetividade na relação professor e aluno

Julga-se interessante diante da pesquisa analisar o tema principal desse projeto: a afetividade entre aluno e professor na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Afinal, a temática citada poderia estar incorporada em um documento que guie a educação de nosso país. Apesar disso, como dito anteriormente, não foi encontrada na BNCC nenhuma referência que possamos relacionar diretamente com a afetividade, gerando, portanto, uma grande necessidade de inclusão de discussões acerca dessa temática.

A teoria psicogenética de Wallon e Dantas (1992) alega que a afetividade é uma grande influência e uma edificação que eleva a perspectiva do conhecimento do ser humano.

A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde a sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma, é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva. Nesse sentido, ela lhe dá origem (WALLON *apud* DANTAS, 1992, p 85-86)

Entende-se, assim, que envolver os conteúdos ao cotidiano, sentimentos, e experiências vividas das pessoas naquilo que nutre o currículo escolar é imprescindível, pois a afetividade faz parte do conjunto da metodologia do ensino-aprendizagem. Começa no acolhimento, resulta no processo de envolvimento e beneficia a todos os sujeitos envolvidos.

A necessidade de incorporarmos no cotidiano de nossas escolas o trabalho sistematizado com os sentimentos e afetos, rompendo com aquelas concepções educacionais que fragmentam os campos científico e cotidiano do conhecimento, e as vertentes racional e emocional do pensamento. Para tanto, precisamos ter coragem para mudar a educação formal e transformar os sentimentos, as emoções e os afetos em objetos de ensino e aprendizagem (ARANTES, 2003, p 124).

Apesar de se reconhecer que a docência não é fácil, é preciso entendermos que o trabalho do professor necessita ser dinâmico, suas habilidades devem envolver os alunos a cada instante que se apresentar os conteúdos na sala de aula, fazendo com que haja interesse por parte dos discentes na construção da aprendizagem. Entretanto, para que tudo tenha sucesso, é muito importante que se manifestem as diferenças e a liberdade de expressão entre os alunos, no intuito de

haver troca de experiências e o consequente desenvolvimento sociocognitivo de cada um.

A consciência de que temos compreensões e respostas parciais em relação a qual deva ser o sentido educativo da prática, bem como a sensibilidade diante das dimensões não compreendidas da vida humana, deveriam dividir nosso olhar tanto para fora, como para nós mesmos, para o nosso interior. Nesse sentido, descobrir a parcialidade ou sensibilizar-nos diante de dimensões da vida humana que não se deixam reduzir a uma compreensão puramente racional ou ideologicamente correta, pode ser uma tarefa de descoberta e sensibilização interior, de nosso próprio ser social (CONTRERAS, 2002, p 207 - 208).

Segundo Rego (1996), a teoria de Vygotsky alega que há influência do ambiente em que os alunos convivem, já que, o mundo social os molda no seu desenvolvimento, ou seja, o espaço que divide com outras pessoas influencia na sua formação psicológica. Dentro de uma sala de aula, por exemplo, a interação entre professor/aluno se dá a todo o momento e o docente enfrenta desafios ao longo das aulas, deparando-se com situação de carinhos e de emoções, que podem se tornar agradáveis ou detestáveis.

Na visão de Flores (2006, p 57), “A afetividade abrange emoções, sentimentos e desejos. As emoções têm raízes instintivas e se expressam, podendo ser evocadas a partir de emoções vividas e sentimentos cultivados”. Diante disso, é de suma importância o acolhimento afetivo de todos os que formam a instituição escolar. De maneira que haja o incentivo a novas descobertas, até que os alunos cheguem ao desenvolvimento cognitivo esperado para cada série.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da construção desse trabalho e chegando ao término parcial, que teve como objetivo principal a pesquisa acerca dos sentidos da afetividade na BNCC: análise do ensino Fundamental anos iniciais, chegou-se à sensação de dever cumprido e à satisfação de abordar um tema atual relacionando a um fator importante que ocorre dentro de uma sala de aulas. Proporcionou-se analisar teorias e práticas consequentemente acompanhadas de descobertas, resultando na inovação do assunto, o qual irá ser de grande valia para outros pesquisadores.

Diante das questões levantadas sobre afetividade entre educador/educando, percebemos a importância para o desenvolvimento do ensino/aprendizagem, lembrando a teoria de Vygotsky que o processo de evolução do ser humano se dá através da socialização e da interação entre os sujeitos, ou seja, no convívio diário contemplando o cognitivo ao mesmo tempo.

Observamos ainda que a BNCC foi elaborada no propósito de determinar conhecimentos essenciais que todos os alunos devem aprender, norteando os currículos escolares das escolas de todo o país. Apesar disso, ainda há pesquisadores que apontam muitas falhas em meio a seus tópicos. Destaca-se, por exemplo, que foi encontrada referência alguma a partir da qual pudéssemos refletir sobre a relação afetiva do professor e dos alunos, e, embora tenham sido encontradas algumas nomenclaturas afins, como afetivo/afetiva, não se fez referência especificamente à afetividade.

Afirmamos, portanto, que se poderiam incluir no documento orientações sobre o incentivo dentro da sala de aula, na boa relação entre docentes e discentes, tendo em vista o crescimento como pessoa e o desenvolvimento cognitivo dos alunos, levantando questionamentos, contribuições, no processo do ensino e da aprendizagem.

É importante salientar que os estudos em si nunca se esgotam, especialmente quando a temática apresenta um panorama tão importante como é o apresentado pela temática que foi discutida nesse estudo. Afinal, a educação é um fenômeno vivo e, dessa maneira, passa constantemente por inúmeras transformações boas e ruins.

Dessa maneira, entendemos que essa pesquisa serviu apenas como um início para uma discussão de uma grandiosidade tão relevante para a educação básica. A partir daqui, mais discussões surgirão, mais implementações das leis, diretrizes e documentos que regem a educação de nosso país serão promulgados e mais conhecimento de construirá a fim de que cada vez mais, a pesquisa científica verdadeiramente cumpra seu papel: construir conhecimentos diversificados.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Laurinda R.; MAHONEY, Abigail A. (Orgs). **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade, cognição e moralidade na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento**. In: Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003. p. 109-128.
- ARGYLE, M. **Comunicação e Dinâmica de Grupo**. Bases Psicológicas. São Paulo: Ibrasa, 1974.
- BENEDICTO, Poliana P. J. **A Influência da Afetividade na Relação Professor Aluno na Aprendizagem na Educação Infantil**. 2014. Universidade Estadual de Maringá, 2014. Disponível: [http://www.dfe.uem.br/TCC2014/PolianaP\\_Judite\\_Benedicto.pdf](http://www.dfe.uem.br/TCC2014/PolianaP_Judite_Benedicto.pdf). Acesso: 25 de agosto de 2017.
- BERNARDINO, Márcia. **Dificuldades de Aprendizagem na leitura e na escrita na primeira série do Ensino Fundamental**. 58 f. Monografia (Especialização), Universidade Católica de Campinas, 2007.
- BONAMINO, Alicia; MARTÍNEZ, Silvia Alicia. **Diretrizes e Parâmetros para o ensino fundamental: A participação das instâncias políticas do estado**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 80, setembro/2002, p. 368-385.
- BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília, DF, 2017. Disponível: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bnccre-exportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bnccre-exportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192)> Acesso: 26 de Abril 2018.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação**. MEC, SEB, DICEI, 2010.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação; Secretária Executiva Adjunta 2013. **Conae 2014: Conferência Nacional de Educação**. Fórum Nacional de Educação, Brasília, DF, 2014.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação; **SEMINÁRIOS ESTADUAIS DA BNCC**: Posicionamento conjunto de Consed e Undime sobre a segunda versão da Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2016. Disponível e: <[http://movimento pelabase.org.br/wp-content/uploads/2016/09/2016\\_09\\_14-Relato%CC%81rio-Semina%CC%81rios-Consed-e-Undime.pdf](http://movimento pelabase.org.br/wp-content/uploads/2016/09/2016_09_14-Relato%CC%81rio-Semina%CC%81rios-Consed-e-Undime.pdf)> Acesso: 19 de maio 2018.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Nota da Associação Nacional de História sobre a Base Nacional Comum Curricular- BNCC**. 2015. Disponível em: <<http://anpuh.org.br/index.php/bncc-historia/item/3144-nota-da-associacao-nacional-de-historia-sobre-a-base-nacional-comum-curricular-bncc>> Acesso em 15 de Maio de 2018.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Rousseau: a educação na infância**. São Paulo: Scipione, 1990.

COMENIUS, Jan Amos. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002.

COSTA, Hugo Heleno Camilo; CUNHA, Érika Virgílio Rodrigues da; PEREIRA, Talita Vidal. **Uma base à Base: quando o currículo precisa ser tudo**. R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 24, n. 56, p. 455-469, maio/ago. 2015. Disponível: <<http://periodicos.cientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/viewFile/2377/pdf>> Acesso: 07 de Abril 2018.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem: relação da amorosidade e saber na prática pedagógica**. 2 ed. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon** In: LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 85-98

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DÉR, Leila Christina Simões. **A constituição da pessoa: dimensão afetiva**. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2004. p. 61-76.

FLORES, Feliciano Edi Vieira. **Educação Biocêntrica: por uma educação centrada na vida**. Porto Alegre: Evangraf, 2006. p. 51-64.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

IORE, Márcia F. A; GUIMARÃES, Silmara R. (et al). **A Afetividade na Relação Professor –Aluno como Facilitador no processo de Ensino-Aprendizagem**. 2014. Faculdade Método de São Paulo – FAMESP, 2014. Disponível: <[http://famesp.com.br/novosite/wpcontent/uploads/2014/tcc/famesp\\_maria\\_aparecida\\_da\\_silva\\_frotta\\_de\\_oliveira.pdf](http://famesp.com.br/novosite/wpcontent/uploads/2014/tcc/famesp_maria_aparecida_da_silva_frotta_de_oliveira.pdf)> Acesso: 25 de Agosto 2017.

HAQUETTE, M. T. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M. K. ; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo, p ed 15, Summus, 1992.



LOPES, Edson Pereira. **O conceito de teologia e pedagogia na Didática Magna de Comenius**. São Paulo: Mackenzie, 2003.

MACEDO, Elizabeth. **Base Nacional Curricular Comum: novas formas de sociabilidade produzindo sentidos para educação**. Revista e-Curriculum. São Paulo, v. 12, n. 03 p.1530 - 1555 out./dez. 2014

MAHONEY, A. A; ALMEIDA, L. R. **Viver mente & cérebro**. São Paulo: Segmento-Duetto, v.6, n.6, p.56-65, 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Essa Base Nacional Comum Curricular: mais um tragédia brasileira?**. Revista Brasileira de Alfabetização – IBAIF, Vitória, v. 1, n.2, p. 191- 205, jul/dez. 2015.

NETO, G.B. **Uma breve visão sobre a afetividade nas teorias de Wallon, Vygotski e Piaget**. 2012.Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo – UPM, 2012. Disponível: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias\\_Biologicas/1o\\_2012/Biblioteca\\_TCC\\_Lic/2012/1o\\_SEM.12/GIUSEPPE\\_BRUNO\\_NETO.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2012/1o_SEM.12/GIUSEPPE_BRUNO_NETO.pdf)> Acesso: 06 de Setembro 2017.

PEREIRA Talita Vidal, COSTA Hugo Heleno Camilo e CUNHA Érika Virgílio Rodrigues da. **UMABASEÀ Base: quando o currículo precisa ser tudo**. R. Educ. Públ. Cuiabá, v.24,n. 56, p. 443-454, maio/ago. 2015

PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. 17. ed. São Paulo: Ática.2004

REGO, Teresa Cristina. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise da perspectiva vygotskiana**. In: AQUINO, Julho Groppa (org.). São Paulo: Summus, 1996. p. 83-101.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie**. Edição bilíngüe. Paraula, 1994.

SANTOS, Mirinalda. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: desafios e implicações para o ensino religioso**. ESPAÇO DO CURRÍCULO, v.8, n.3, p. 293-305, Setembro a Dezembro de 2015. Disponível:< <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/rec.2015.v8n3.293305>> Acesso: 23 de Março 2018.

SILVA, Monica Ribeiro da. **Currículo, ensino médio e BNCC: Um cenário de disputas**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 9, n. 17, p. 367-379, jul/dez. 2015.

SOUSA, Jorge Luis Umbelino de. **Currículos e Projetos de Formação: Base Nacional Comum Curricular e seus desejos de performance**. Espaço do Currículo, João Pessoa, v. 8, n. 3, p. 323-334, set/dez. 2015.

WALLON, H. **Psicologia infantil**. Madrid: Gráfica Rógar. Navarcarnero, 1996.